

## A camiseta canarinho da seleção brasileira de futebol

### The “canarinho” jersey of the Brazilian Football Team

**Maria de Fátima Bento Ribeiro**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil  
Doutora em História, Unicamp  
mfabento@hotmail.com.

**Naiara Souza da Silva**

Universidade Federal do Pampa, Jaguarão/RS, Brasil  
Doutora em Letras, UFPel  
naiaraa\_souza@hotmail.com

**RESUMO:** Se o futebol é, para o bem ou para o mal, a “cara” do Brasil, interessa-nos analisar os sentidos acerca da camisa “canarinho” da seleção brasileira, pela representatividade nacional que assume singular importância na construção cultural e identitária do Brasil. A camisa é um fenômeno, um artefato social que se tornou expressão coletiva como uma manifestação da cultura relacionada à força do esporte mais popular do país, em diferentes gerações. Ultrapassando os limites de uma paixão esportiva, hoje, a narrativa sobre ela é marcada por tensões políticas e ideológicas que mobilizam uma memória que ora causa orgulho, ora constrangimento, devido à apropriação e à ressignificação de seu uso por uma parcela da sociedade brasileira. Não havendo dúvidas de que sujeitos se expressam no/pelo futebol, é nossa responsabilidade, por meio do trabalho acadêmico, atuar no processo de desassociação desse símbolo pátrio, retomando sentidos de valorização da identidade nacional construídos historicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol e cultura; Identidade e política; Sentidos; Aldyr Schlee; Camisa da seleção brasileira.

**ABSTRACT:** If football is, for better or for worse, the face of Brazil, we are interested in analyzing the meanings about the “Canary” jersey of the Brazilian team, due to the national representation that it assumes singular importance in the cultural and identity construction of Brazil. The jersey is a phenomenon, a social artifact that has become a collective expression as a manifestation of the culture related to the strength of the most popular sport in the country, in different generations. Going beyond the limits of a sporting passion, today, the narrative about it is marked by political and ideological tensions that mobilize a memory that sometimes causes pride, sometimes embarrassment, due to the appropriation and resignification of its use by a part of Brazilian society. There is no doubt that the people express themselves in/through football, it is our responsibility to act in the process of disassociation from this patriotic symbol, resuming the historically constructed meanings of valuing national identity.

**KEYWORDS:** Football and culture; Identity and politics; Senses; Aldyr Schlee; Jersey of Brazilian Football Team.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mas nem tudo está perdido, porque nos campos de futebol, assim como nas páginas dos livros, ainda temos a oportunidade de todos os encontros e reencontros possíveis e impossíveis com tardes gloriosas, jogos memoráveis, craques inesquecíveis, num clima de emoção e encantamento que só os golos e as palavras são capazes de oferecer.

Aldyr Schlee, *Contos de futebol*.

Com as palavras de Aldyr Schlee (2011 [1997]), iniciamos este texto chamando a atenção para a relação entre esporte e sociedade, diante nossas inquietações, já que o futebol transcende os noticiários jornalísticos e os programas televisivos, permitindo discussões e reflexões sobre a nossa própria sociedade.

Roberto DaMatta (1982), ao escrever sobre o futebol, explica que, no Brasil, “discutimos futebol com uma energia singular”; isso porque “o próprio jogo entrou na nossa sociedade de um modo igualmente especial, tornando-se em menos de meio século, um autêntico esporte das massas”.<sup>1</sup> Nesse sentido, o futebol, para ele, pode ser considerado uma “imensa tela” onde se projeta uma complexa e sutil rede de argumentos e ilações relativas à vida e às relações sociais.

Considerando, então, ao lado de DaMatta (1982) que “o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade no jogo” (p. 16), sublinhamos uma das especificidades do futebol em ser palco para preocupações e esperanças do povo brasileiro, pois, entendemos que a sociedade se expressa no/pelo futebol, bem como acentua Schlee em suas palavras: “nos campos de futebol, assim como nas páginas dos livros, ainda temos a oportunidade de todos os encontros e reencontros possíveis e impossíveis...”.<sup>2</sup>

Diante desse par esporte/sociedade, pontuamos que reflexões acerca da cultura brasileira e da identidade nacional se tornam sempre necessárias para a compreensão do nosso espaço e das fronteiras que o permeiam, seja entre territórios ou corpos. Para o presente texto, trazemos como objeto de análise a camisa verde-amarela da seleção brasileira, criada no âmbito futebolístico, pela representatividade nacional que assume singular importância na construção cultural e identitária do Brasil.

---

<sup>1</sup> DAMATTA. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, p. 15.

<sup>2</sup> SCHLEE. *Contos de futebol*, p. 14.

Apesar do projeto da camisa “amarelinha” ter sido idealizado individualmente, esta se tornou expressão coletiva como uma manifestação da cultura relacionada à força do esporte mais popular do país, em diferentes gerações. A camisa é entendida como um fenômeno, um artefato social que produz diferentes sentidos, usada por sujeitos de distintos grupos, faixas etárias e classes sociais. Criada, em determinado momento histórico, para fortalecer o sentimento de identificação e de pertencimento do povo brasileiro, ela é celebrada nas ruas e, também, no Museu do Futebol, localizado em São Paulo, cuja exposição é parte de um projeto mundial.<sup>3</sup> Sobre as diferentes significações ao longo dos tempos, destacamos que o uso da camisa verde-amarela ultrapassa os limites de uma paixão esportiva.

Precisamente, nossa atenção volta-se às condições de produção atuais em que a narrativa em torno da camisa é marcada pelo desencadeamento de tensões políticas e ideológicas, já que houve certa apropriação e ressignificação de seu uso, por volta do ano de 2013, por determinada parcela da sociedade brasileira. Assim, como o ano de 2022 é um ano de Copa do Mundo e de eleição para a Presidência da República do Brasil, sendo futebol e política um dos centros das atenções e discussões, interessa-nos pensar sobre o uso da camiseta “canarinho” e a sua importância na construção da identidade nacional.

Fruto de uma parceria de trabalho que envolve temáticas caras às pesquisadoras, este texto está organizado em seção única que contempla a história do processo de criação da camiseta verde-amarela em determinada conjuntura sócio-histórica, cujo potencial sinalizava uma construção cultural e identitária, e a posterior apropriação deste artefato que se tornou mais do que um símbolo cultural, uma referência à corrupção, a partidos políticos e ao anticomunismo.

## **A CAMISA VERDE-AMARELA**

O futebol é, ali, parte indispensável da distinção e da identificação de todos nós.

Aldyr Schlee, *Contos de futebol*.

No Brasil, a imprensa nacional noticiou, no dia 15 de novembro de 2018, o falecimento do escritor, professor, jornalista, tradutor e desenhista Aldyr Garcia Schlee: um renoma-

---

<sup>3</sup> Trata-se de um projeto proposto pelo *Google Cultural Institute* com o tema “Fashion”, a partir das coleções de museus e instituições culturais de vários países.

do autor de contos e romances, premiado, uma referência para a Literatura da América Latina que compartilha elementos da cultura fronteiriça, da cultura platina.<sup>4</sup> Contudo, as notícias que tomaram maior repercussão diziam respeito ao seu feito cuja referência assumiu proporção nacional e internacional: a criação da camisa verde-amarela da seleção brasileira de futebol, um dos símbolos mais conhecidos no mundo.

Gaúcho, nascido na cidade fronteiriça de Jaguarão – fronteira com a cidade de Rio Branco no Uruguai –, Schlee tem sua subjetividade construída a partir da fronteira, das relações que se estabelecem nesse espaço, na paisagem que tem o rio Jaguarão e a Ponte Mauá como elementos marcantes do lugar, e, como sujeito jaguarense, ele vivia a cultura platina com a paixão pelo futebol e pela celeste, seleção uruguaia que se utiliza da camiseta da cor azul celeste como emblema nacional.

Esse funcionamento de identificação com a seleção de futebol do Uruguai pode ser explicado pela própria constituição do sujeito da fronteira, Brasil/Uruguai, que traz marcas de pertencimento – como a torcida pela celeste – em suas experiências e relações, e também, em sua escrita que resultou em diferentes contos e romances. Em entrevistas, ele sempre ponderava que não tinha incluído o futebol em suas histórias, como pano de fundo ou temática, ao contrário, o próprio futebol incluiu-se por sua força (ideológica, emotiva).

Nesse sentido, apaixonado por esse esporte com um sentimento que ultrapassou linhas divisórias, Schlee recebeu uma bonita homenagem póstuma no amistoso entre Brasil e Uruguai, ocorrido no *Emirates Stadium*, em Londres, no dia 16 de novembro de 2018, de reconhecimento pela criação da camisa “canarinho” da seleção brasileira. Conforme divulgado no *Jornal do Comércio*:

os jogadores do Brasil renderam uma justa homenagem ao gaúcho que criou o desenho da camisa amarela da seleção brasileira. Perfilados no campo do Arsenal, o grupo liderado por Neymar e fardado com a vestimenta clássica reverenciou Aldyr Schlee, que morreu na quinta-feira passada, em Pelotas, com o tradicional minuto de silêncio.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Schlee recebeu o prêmio da Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, duas vezes, e foi também premiado com o Prêmio Açorianos de Literatura, cinco vezes. Em novembro de 2009, publicou *Os limites do impossível, os contos gardelianos* pela Editora Ardotempo, e, em 2010, pela mesma editora, publicou o romance *Don Frutos*, ano em que foi destacado com o Prêmio Fato Literário.

<sup>5</sup> *Jornal do Comércio*, 2018. Disponível em: [bit.ly/43rTxIz](http://bit.ly/43rTxIz). Acesso em: 03/06/2022.

A estreia da camisa verde-amarela foi no ano de 1954, tornando-se uma das camisas de seleções de futebol mais conhecidas no mundo. De acordo com a exposição virtual especial a “História da Camisa Canarinho”,<sup>6</sup> realizada pelo Núcleo do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) e pelo Museu do Futebol, em 2017, “a nova camisa amarela logo conquistou a simpatia dos torcedores, que a associaram a boa sorte”.<sup>7</sup>

Isso porque até aquele momento, no âmbito futebolístico, existia um sentimento negativo decorrente da Copa do Mundo de 1950 (organizada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), sediada pelo Brasil, anfitrião da competição pela primeira vez), em que a seleção brasileira perdeu para o Uruguai. A partida ocorreu em 16 de julho, no Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro. O Brasil, embora embalado pela excelente campanha, pelo apoio da torcida, pela liderança e pelo elenco vitorioso, foi derrotado em campo por 2 gols a 1, e esta derrota é considerada uma das maiores decepções da história do futebol brasileiro.

A frustração por não conquistar a primeira Copa do Mundo procedeu do incômodo com a cor da camiseta da seleção brasileira que era branca, na época. A ideia era substituir a camisa branca do trágico “Maracanazo”, e a demanda por um novo uniforme era partilhada por uma grande parcela da sociedade, dentro e fora do espaço futebolístico. Conforme material disposto na exposição virtual, o *Jornal Correio da Manhã*, veiculado na cidade do Rio de Janeiro, em 1953, destacou como “Inexpressiva a atual camisa cebedense”.<sup>8</sup>

A posição do referido jornal quanto à substituição da camisa branca, foi sublinhada na referida matéria. Segundo a empresa jornalística, a campanha fazia parte de um projeto maior que visava a mudança do futebol brasileiro como um todo, iniciando com as cores do uniforme, pois, não havia simbolismo na cor utilizada; inclusive, a cor branca não incentivaria os jogadores a tratarem os jogos como uma luta pátria decisiva.

O destaque da notícia trazia as seguintes palavras: “O branco nada traduz, principalmente quando possuímos uma bandeira nacional com côres muito mais expressivas – Os exemplos de outros países notadamente a Argentina, o Uruguai e a Inglaterra”.<sup>9</sup> Como sugestão, expressava ainda: “Mudemos porém o branco inexpressivo por

---

<sup>6</sup> A mostra virtual integra um projeto mundial proposto pelo *Google Cultural Institute* que tratou o tema “Fashion” a partir das coleções de museus e instituições culturais de vários países.

<sup>7</sup> Disponível em: [bit.ly/43suAXm](https://bit.ly/43suAXm). Acesso em: 01 abr. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: [bit.ly/437CG7N](https://bit.ly/437CG7N). Acesso em: 03 jun. 2022.

<sup>9</sup> *Jornal Correio da Manhã*, 1953.

um ouro, ardente como o sol brasileiro, ou um verde que nos faça lembrar a nossa tropicalidade, e sobre uma dessas cores coloquemos um Cruzeiro do Sul. Tudo será diferente, não temos dúvida”.<sup>10</sup>

Como podemos observar, a ideia de nacionalidade é inscrita no imaginário social por meio das cores do uniforme da seleção brasileira de futebol, tornando-se uma justificativa para a remodelação da camisa, principal peça do vestuário. Tal alteração apontaria para uma possível (re)construção simbólica de valorização da identidade nacional, sendo um processo integrador que diz respeito às questões de nacionalidade e de relação com os outros países.

Renato Ortiz (1988), em seu trabalho sobre cultura, chama atenção para o fato de que “a construção da nacionalidade é ainda um projeto dos anos 1930 a 1950, e não é por acaso que nesse período a questão nacional se impõe com toda a sua força”.<sup>11</sup> Nesse aspecto, é reconhecido no discurso sobre a nacionalidade que, a exemplo de outros países, existia a falta de um elemento integrador no futebol que foi retomada pelos meios de comunicação a partir do resultado do jogo no Maracanã. Com isso, a questão nacional tornou-se também cultural.<sup>12</sup>

A referida Copa do Mundo era considerada uma oportunidade do Brasil mostrar a sua força no esporte entendido como o mais popular do planeta. Dois anos antes desse evento, iniciou-se a construção do Maracanã, após licitação para a escolha do projeto do maior estádio do mundo na época, que se tornou o símbolo de um país que almejava ser grande. O estudo de Marcos Guterman (2014) explica que essa Copa veio num momento

---

<sup>10</sup> *Jornal Correio da Manhã*, 1953.

<sup>11</sup> ORTIZ. *A moderna tradição brasileira*, p. 50. No terreno das relações internacionais, propomos observar que a problemática sobre a questão nacional no mundo, na década de 50, é intensa como os próprios processos de descolonização na Ásia entre 1943 e 1951, e na África entre 1954 e 1963, por exemplo. José Flávio Saraiva (2008) acentua que “o fenômeno mais espetacular das relações internacionais da segunda metade dos anos 1950 e a primeira década de 1960, foi o caso do colonialismo na África e Ásia. O mapa político mundial seria redesenhado em função da nova realidade das independências formais de mais de 70 países em menos de uma década” (SARAIVA, p. 220)

<sup>12</sup> De acordo com Ortiz (1994), “os parâmetros raça e meio fundamentam o solo epistemológico dos intelectuais brasileiros de fins do século XIX e início do XX” (p. 15). E, nessas condições sócio-históricas, podemos demarcar que foi com a Primeira Guerra Mundial em 1914, que houve “a emergência de um espírito nacionalista que procura se desvencilhar das teorias raciais e ambientais características do início da República Velha” (p. 22); e, nos anos 50, “os isebianos, ao construírem uma teoria do Brasil, retomam a temática da cultura brasileira, mas vão imprimir novos rumos à discussão” (p. 45). Nesse rumo, segundo as reflexões de Ortiz (1994), o conceito de raça cede lugar ao conceito de cultura, portanto, faz-se “necessário compreendermos como nos anos 50 o conceito de cultura é remodelado” (p. 45). Para a vertente do pensamento latino-americano, a cultura é “elemento de transformação econômica” (p. 46).

em que havia no Brasil o desejo de mostrar o orgulho por suas origens e pelo seu desenvolvimento, exibindo internacionalmente que aqui não era apenas um lugar musical, luxuriante e improdutivo. A derrota, portanto, não teria sido apenas da seleção brasileira, mas também de um projeto de país.<sup>13</sup>

Ortiz (1988) explica que os anos 1950 foram um período da História em que o debate sobre nacional-desenvolvimentismo se centrava na superação de um Brasil periférico e arcaico, pelas vias da modernização no pós Segunda Guerra Mundial, com o crescimento da industrialização, urbanização, expansão das classes operária e média, e, principalmente, com a redefinição dos “antigos meios (imprensa, rádio e cinema) direcionados a técnicas como a televisão e o marketing”.<sup>14</sup>

Essa concepção, de acordo com Carlos Guilherme Mota (1985),<sup>15</sup> tem ressonância na intelectualidade, nos espaços da cultura popular como é o caso do futebol, nas diferentes notícias e anúncios que circulavam na mídia para a troca do uniforme da seleção, por exemplo, como manifestação da brasilidade a partir de um produto cultural: a camisa “amarelinha”.

Outro teórico interessante de considerarmos aqui, Alex Bellos (2003), quando escreve que a Copa de 1950 já foi “interpretada e analisada tantas vezes, por tanta gente e por tanto tempo que deixou de ser uma partida de futebol para se tornar uma teia de narrativas místicas”.<sup>16</sup> Em sua opinião, não houve gol mais importante da história do futebol, como o decisivo gol do Uruguai, “nenhum outro transcendeu sua condição de fato esportivo para converter-se em um momento histórico da vida de uma nação”.<sup>17</sup> O impacto emocional foi grande para os brasileiros amantes do futebol, que não desejavam mais reviver aquelas lembranças nem mesmo a tal camisa branca: “As cores não ficaram isentas de culpa”.<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> De acordo com Mota (1985) “os anos 50, marcados pela ideologia do desenvolvimento nacional, assistiram a passagem de militantes da direita, nacionalistas, para frentes esquerdizantes, abrindo campo para uma nova visão social. No novo contexto, ao se colocar a necessidade de criação de mercados internos para o desenvolvimento econômico, de reforma agrária para a superação do ‘Brasil arcaico’, e de mobilização popular para as reformas de base, esbarrou-se como novos estratos sociais até então estudados à distância pela intelectualidade: os estratos populares, fulcro da nova fase cultural – a da cultura popular” [grifo do autor] (p. 265).

<sup>14</sup> ORTIZ. *A moderna tradição brasileira*, p. 39.

<sup>15</sup> MOTA. *Ideologia da Cultura Brasileira*.

<sup>16</sup> BELLOS. *Futebol: o Brasil em campo*, p. 51.

<sup>17</sup> BELLOS. *Futebol*, p. 53.

<sup>18</sup> BELLOS. *Futebol*, p. 62.

Do exposto, o empenho para alterar aquela narrativa considerada tão traumática foi intenso e um concurso para a escolha de um novo uniforme para a seleção brasileira de futebol foi proposto pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em parceria com o *Jornal Correio da Manhã*, em 1953, que logo publicou o regulamento e as diretrizes para inscrições. As instruções indicavam a criação de um uniforme completo com camisa, calção e meia e mencionava a necessidade de uma identidade nacional representada por cores assim como uniformes de outras equipes dos países que formam o Cone Sul, como Argentina e Uruguai.<sup>19</sup>



Figura 1 - Primeiros rascunhos. Fonte: Uniformes Cultura F. C

<sup>19</sup> Segundo Eric Hobsbawm (2020), o apogeu do nacionalismo situa-se entre 1918 e 1950, dos nacionalismos para “fora das tradicionais áreas de disputas de fronteiras, de eleições, plebiscitos, e de necessidades linguísticas. A identificação nacional nessa era adquiriu novos meios de se expressar nas sociedades modernas, urbanizadas e de alta tecnologia” (p. 195). Para ele, “o espaço entre as esferas privada e pública também foi preenchido pelos esportes” (p. 196), e “o indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação” (p. 197)





Figura 2 – Esboço. Fonte: Uniformes Cultura F. C.

O símbolo tão esperado nessa conjuntura foi definido em concurso, divulgado no dia 17 de dezembro de 1953. Schlee, fronteiriço, na dualidade emotiva de ser vitorioso com o Uruguai e derrotado com o Brasil, foi o vencedor do certame que obteve mais de duzentas inscrições, e a camisa verde-amarela da seleção brasileira passou a fazer parte da história e da memória dos brasileiros como um símbolo nacional.<sup>20</sup>

Pela regra, o uniforme deveria contemplar as quatro cores da bandeira nacional e precisava ainda haver um equilíbrio entre elas. Uma exigência considerada bastante difícil por Schlee, que esboçou inúmeros desenhos até o resultado submetido ao concurso.

Bellos (2003) descreveu que a culpa da perda do jogo na Copa Mundial de 1950, recaiu em alguns jogadores, especificamente nos negros. Vejamos fragmento do texto:

Havia um elemento racista nas recriminações. Todos os três bodes expiatórios – Barbosa, Bigode e o quarto zagueiro Juvenal – eram negros, reacendendo as teorias de que a causa da falta de caráter nacional residia na mistura racial do Brasil. Barbosa foi quem mais sofreu. Eleito pelos jornalistas o melhor goleiro da copa de 1950, ainda assim ele só jogou mais uma única vez pela seleção. Mais do que qualquer outro, Barbosa tornou-se a personificação da tragédia nacional.<sup>21</sup>

Em oposição ao racismo das velhas oligarquias, Mário Filho (2010 [1964]), em *O negro no futebol brasileiro*, posiciona-se indicando que um dos pilares da nossa identidade nacional se originou, justamente, da apropriação do futebol europeu, britânico, e da sua reinvenção pelos negros como parte de resistência cultural. Contudo, a mencionada derrota de 1950, provocou segundo Mário Filho, um “recrudescimento do racis-

<sup>20</sup> O segundo colocado no concurso para escolha da camiseta símbolo, Ney Damasceno, era desenhista da Casa da Moeda na época, e já tinha criado o cartaz da Copa de 1950.

<sup>21</sup> BELLOS. *Futebol*, p. 56.

mo”,<sup>22</sup> na medida em que se culpou o preto pelo desastre de 16 de julho, e os brancos do escrete brasileiro não foram acusados de nada.



Figura 3 - Arte final.  
Fonte: Uniformes Cultura F. C.

Nas palavras do escritor,

Quando o brasileiro acusou Barbosa, Juvenal e Bigode, acusou-se a si mesmo. O futebol não seria paixão do povo se o povo não se identificasse com um time, o seu time, com uma bandeira e uma camisa. Quem torce em futebol está ligado, irremediavelmente, ao seu time, para o bem ou para o mal, para a felicidade ou para a desgraça.<sup>23</sup>

Assim, entendemos que o interesse da mudança da cor da camisa da seleção brasileira de futebol reverbera o debate de teorias racistas que reaparecem nos discursos que culpabilizaram os três jogadores negros pela perda do último jogo da Copa de 50, acentuando a premência do que Quijano (2005) chama de colonialidade do poder.<sup>24</sup> Tal

<sup>22</sup> FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 16.

<sup>23</sup> FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 17.

<sup>24</sup> De acordo com Lewis R. Gordon no prefácio da obra de Fanon (2008), “racismo e colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele” (p.15). O livro de Fanon (2008), *Pele negra, máscaras brancas*, aponta para o conceito de alienação, chamando atenção para essas questões no campo da cultura. Porém, apesar dos importantes estudos dos processos de luta-anticolonial que questionavam a existência do racismo e da alienação, abordando temas como raça, mestiçagem e nacionalismo tais questões reapareceram com força no século XX, em pleno debate antirracista dos movimentos de libertação e dos intelectuais que questionavam o subdesenvolvimento-desenvolvimento

fato nos leva às pautas de injustiças e preconceitos reivindicadas pelos movimentos negros (e indígenas) por meio das suas ações.<sup>25</sup>



Figura 4 - Arte final.  
Fonte: Uniformes Cultura F. C.

De fato, se os movimentos sociais tiveram força para inspirar a constituição brasileira que, finalmente em 1988, reconheceu a força e a contribuição da cultura de grupos excluídos, eles não foram suficientes para resolver ou minimizar a problemática da desigualdade social e das injustiças. Um exemplo que retoma a Copa em questão e reforça o racismo que persiste em solo brasileiro é o do goleiro Dida, destaque do América/RN, em 2014, como uma retrospectiva histórica da discriminação racial, dentre outros casos que até o momento persistem em âmbito futebolístico.<sup>26</sup>

Importante destacarmos a Constituição Brasileira no seu artigo 216 com ampliação do conceito de patrimônio cultural em que são incluídos os modos de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, os

---

<sup>25</sup> Edward W. Said (2011) no livro *Cultura e imperialismo*, escreve justamente sobre essa vertente do discurso de dominação em que “a cultura também desempenhou um papel importantíssimo, na verdade indispensável. No cerne da cultura europeia, durante as várias décadas de expansão imperial, havia um eurocentrismo incontido implacável. Ele acumulou experiências, territórios, povos e histórias; estudou-os, classificou-os e acima de tudo, subordinou-os expulsando suas identidades (exceto com a categoria inferior de existência) da cultura e da própria ideia da Europa branca cristã.

<sup>26</sup> Conf.: [bit.ly/3BVQoPd](https://bit.ly/3BVQoPd). Acesso em: 07 jun. 2022. Outros casos divulgados em: [bit.ly/3WP4YBX](https://bit.ly/3WP4YBX). Acesso em: 24 ago. 2022.

objetos, os documentos, as edificações e os demais espaços destinados às manifestações artísticas e culturais, assim como os conjuntos urbanos sítios de valores históricos, paisagísticos, artísticos, arqueológicos, paleontológicos, ecológicos e científicos.<sup>27</sup> Ao reconhecer a diversidade da cultura, a ampliação do conceito do patrimônio valoriza as minorias excluídas em seus diferentes modos de organização cotidiana, e é por tal fato que defendemos o futebol como patrimônio cultural, como uma poderosa forma esportiva de expressão da cultura, da história e da memória brasileira.

Com relação à camiseta símbolo nacional, é inegável a sua representatividade cuja expressão coletiva perpassa diferentes gerações, como uma manifestação da cultura e da identidade brasileira traduzida com a força do esporte mais popular do país. Contudo, no recente cenário político, aparecem questionamentos sobre a “canarinho”, pois são muitas as fronteiras que ultrapassam o seu uso, para além da paixão esportiva. Schlee em conversa sobre a criação da camisa e seu uso político, no ano de 2017, ressalta: “como símbolo nacional, parece que é inabalável, e isso é uma coisa curiosa. Ainda tá mais fácil mudar o governo, mudar até o Regime (risos), do que mudar a camiseta, é uma coisa impressionante”.<sup>28</sup>

Nesta oportunidade, o vencedor do concurso de 1953, apesar de demonstrar reconhecimento e orgulho pelo seu feito, lembra um dos motivos pelos quais optava por não ser relacionado à sua conquista: o desgosto no futebol. Em suas palavras, “Eu passei a ter uma visão por dentro da organização do nosso futebol, que já era péssima, e passei a tentar esquecer o significado que se pretendia dar à camiseta, até porque lá em 1954 não funcionou”; e mais, “em 1954, fracassamos... é engraçado: a famosa camisa não serviu pra nada em 1954... fomos um fiasco na Suíça”.<sup>29</sup> Para ele,

a camiseta hoje representa a corrupção neste país, representa o golpismo neste país. [...]

Foi ostentando a camiseta que multidões foram às ruas apelando pela queda da presidente Dilma Rousseff, e levando ao desastre que aconteceu do ponto de vista político, com a substituição da presidente, legitimamente eleita, por um grupo de ladrões que estão no poder, se mantendo graças ao jogo político que eles fazem, cedendo cargos, com-

<sup>27</sup> Apresentamos na Semana do Patrimônio de Jaguarão/RS em setembro de 2022, um trabalho sobre o protagonismo de Aldyr Schlee no universo futebolístico e no futebol como patrimônio brasileiro.

<sup>28</sup> GUIMARÃES, SCHLEE, PIAZZI. Conversa com Aldyr Schlee (parte II): a criação da camisa canarinho e seu recente uso político, p. 152.

<sup>29</sup> GUIMARÃES, SCHLEE, PIAZZI. Conversa com Aldyr Schlee, p. 149.

prando cargos e mantendo sempre dentro do Congresso Nacional aquilo que foi resultado do golpe congressual, o golpe que se deu dentro do Congresso pra que esses caras que estão dentro do poder, esse grupo de gatunos, ladrões, se manterem no poder.

Apesar de toda a onda de moralismo barato da pior espécie que se desenvolveu no Brasil, essas camisetas verde e amarelas não estão reaparecendo para a derrubada do bando de ladrões que aí está. Esse moralismo serviu pra sustentar, alimentar e definir o golpe, em nome de uma camiseta que eu detesto. Nesse sentido, eu não tenho nada a ver com ela, não quero ter nada a ver com ela e acho que ela foi empregada de maneira safada.<sup>30</sup>

Essa crítica apresentada não foi a primeira do desenhista, e na própria conversa relembra:

Uma vez, há muito tempo, eu fui ao Rio de Janeiro pra uma conferência das Nações Unidas, era professor de Direito Internacional, num momento da maior perseguição... [...] Aí terminou o troço, [...] o Armando Nogueira mandou perguntar pra mim o seguinte: se não era oportuno mudar a cor da camiseta, e eu respondi: é mais do que oportuno. Tem que ser uma camiseta que corresponda à cor da situação que nós estamos vivendo. Qual cor? Marrom. Marrom. Não saiu no jornal (risos). Mas o Armando Nogueira escreveu um artigo sobre isso, sabe? Claro que ele entendeu que marrom era aquele...<sup>31</sup>

Em plena época da ditadura militar no Brasil, na década de 1970, o futebol ganhou destaque no mundo graças “ao impulso da TV colorida, que imortalizou Pelé e as camisas amarelas sobre o fundo até então preto e branco de esporte mundial”.<sup>32</sup>

Como também pontuou Schlee, em junho de 2013, milhares de brasileiros ocuparam as ruas do país em protesto, inicialmente, pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento das tarifas. O grito dos jovens ressoava dizeres como “Não são só 20 centavos” e “Queremos um Brasil melhor”,<sup>33</sup> sendo a questão da exclusão urbana uma das pautas do movimento, junto com a luta sobre o processo de redemocratização.

Naquele instante, a busca por direitos e os protestos tomaram conta das ruas de várias cidades. Lincoln Secco (2013) destaca que as Jornadas de Junho de 2013 pareceram um enigma, tratava-se de jovens manifestantes que não tinham preferência partidária, contudo, no decorrer dos dias, além da abrangência geográfica dos protestos, houve

<sup>30</sup> GUIMARÃES, SCHLEE, PIAZZI. Conversa com Aldyr Schlee, p. 151.

<sup>31</sup> GUIMARÃES, SCHLEE, PIAZZI. Conversa com Aldyr Schlee, p. 153.

<sup>32</sup> BELLOS. *Futebol*, p. 20.

<sup>33</sup> VIANA. Será que formulamos mal a pergunta, p. 56.

uma mudança ideológica com fragmentação da pauta das reivindicações. Segundo o autor, “o movimento que começara apartidário se tornava então antipartidário”.<sup>34</sup>

As últimas grandes manifestações no país, antes das Jornadas de Junho, haviam sido os Comícios das Diretas Já (1983-1984) e o *Impeachment* de Collor (1992). Carvalho (2016), no prefácio do seu livro *Cidadania no Brasil: o longo caminho*, escreve que as últimas manifestações “são um alerta importante de que novos atores políticos estão surgindo com novas agendas e novas modalidades de participação escoradas nas redes sociais. A construção da nossa cidadania pode estar entrando em um novo patamar de avanço ou retrocesso”.<sup>35</sup> Tal proposição poderia já ser um presságio do que estaria por vir em âmbito político na medida em que assistimos “bestializados” – utilizando-nos de um apontamento do autor – discursos de intolerância com o avanço dos grupos de direita, após 2013.



Figura 5 - Manifestações de 2013. Fonte: Instituto Liberal.

Nesse contexto, há a apropriação do uso da camisa da seleção brasileira para além da vocação esportiva. A famosa “amarelinha” tomou conta das ruas e virou referência no movimento *pro impeachment*, com uma multidão que surgia novamente, agora

<sup>34</sup> SECCO. *As jornadas de junho*, p. 74.

<sup>35</sup> CARVALHO. *Cidadania no Brasil*, p. 11.

para criticar o governo da Presidenta Dilma Roussef, em 2016; inclusive, durante a votação do *impeachment*, a deputada Cristiane Brasil estava vestindo a camiseta na Câmara dos Deputados Federais.<sup>36</sup>



Figura 6 - Manifestações de 2016. Fonte: *Brasil de Fato*.

Carlos Vainer (2013), no texto *Quando a cidade vai às ruas*, explica que, naqueles anos, se atestou certo descontentamento da população com relação aos eventos esportivos que seriam realizados no país. Segundo ele, “não há como não reconhecer a conexão estreita entre os protestos em curso e o contexto propiciado pelos intensos e maciços investimentos urbanos associados à Copa do Mundo de 2014 e, no caso do Rio de Janeiro, também aos jogos Olímpicos de 2016”.<sup>37</sup>

A camisa verde-amarela tornou-se, então, frequente nas manifestações promovidas pelos movimentos de direita, transformando-se em um símbolo anti-PT, e aquele desejo de uma identidade cultural para o povo brasileiro representado nas cores da bandeira nacional em 1953, foi capturado por uma parcela da população.<sup>38</sup> Em 2015, por

<sup>36</sup> Para ver a fotografia, acessar ao link: [bit.ly/45xSRNy](http://bit.ly/45xSRNy). Acesso em: 01 jul. 2022.

<sup>37</sup> VAINER. *Quando a cidade vai às ruas*, p. 37.

<sup>38</sup> Depois dos acontecimentos citados, outros podem ainda ser destacados como a prisão de Lula e a greve dos caminhoneiros em que se pode identificar a apropriação do uso da camiseta “canarinho”. Alguns grupos utilizaram-se das camisetas e de bandeiras pedindo intervenção militar. Nesse caso, podemos relacionar ao *slogan* “nem foice, nem martelo, é verde e amarelo” da extrema-direita na ditadura no Brasil, que buscava resgatar os ideais de nacionalismo e anticomunismo.

exemplo, nos últimos momentos do processo de destituição da presidenta, uma divisão de torcidas entre um grupo verde-amarelo e outro vermelho<sup>39</sup> foi vista. O país estava visualmente dividido.

Diante do exposto, não há como negar que a camisa da seleção brasileira de futebol ganhou uma carga política e tornou-se representativa de um pensamento político conservador de direita, sendo assim, é questionada por sujeitos que não compactuam com tal pensamento e posição política. Isso porque se sabe que o crescimento das forças conservadoras de direita no Brasil e, no mundo, tem elementos racistas, xenófobos, fascistas ou semi-fascistas.



Figura 7 - Manifestantes favoráveis ao impeachment. Fonte: *Veja*.

Com essa construção imaginária acerca da camiseta “amarelinha”, no âmbito futebolístico, ela causa desconforto e opiniões divididas. Guterman (2014) trata do uso

---

<sup>39</sup> Direcionando o olhar somente às cores da bandeira nacional, poderíamos escrever que Collor já teria tentado se utilizar da marca simbólica de nosso país quando pediu que os brasileiros vestissem uma peça verde-amarela em manifestação de apoio contra as “calúnias” feitas contra ele (na ocasião, a população vestiu preto apontando sua contrariedade ao próprio presidente). Veja bem, a ênfase estava nas cores da bandeira assim como uma das condições do concurso de 1953, por isso, não relacionamos esta manifestação com a camiseta “canarinho”. Talvez, esta camiseta tenha surgido nas manifestações recentes – aliás, sua apropriação em viés político –, pela natureza das condições sócio-históricas de um país que se preparava para a Copa do Mundo e para as Olimpíadas com grandes construções e intervenções urbanas.



político do esporte e o uso da política pelo esporte.<sup>40</sup> O futebol, na opinião desse jornalista, passou a ter grande importância política a partir de sua capacidade de mobilização social, sendo utilizado inúmeras vezes por políticos como elemento decisivo para definir o humor de um eleitorado crescentemente menos controlável.



Figura 8 - Manifestantes contrários ao impeachment. Fonte: *Veja*.

Jamil Chade (2015), articula política e esporte, concluindo que “o futebol vive seu momento mais perigoso, sequestrado por interesses pessoais, por partidos, por organizações criminosas”.<sup>41</sup> Nesse ponto, é coerente a reclamação de Schlee na sua obra de contos futebolísticos, quando escreveu: “não há mais amor à camisa; até porque a camisa se vende para este ou aquele patrocinador, com tais ou quais cores. De modo que não há camisas – camisas para suar, para honrar: só há camisas para usar no trabalho, para cumprir uma obrigação, e pronto!”.<sup>42</sup>

De todo modo, a camisa amarela é um dos símbolos do nacionalismo que refletia a identificação do povo brasileiro com o esporte que o representava, havia admiração, amor pelo futebol. Contudo, como símbolo da nação, no momento atual, representa uma relação conflituosa, um duplo movimento. Nos estudos sobre nacionalismo, Benedict

<sup>40</sup> Conf.: GUTERMAN. *Como o futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*.

<sup>41</sup> CHADE. *Política, propina e futebol: como o “Padrão Fifa” ameaça o esporte mais popular [...]*, p. 330.

<sup>42</sup> SCHLEE. *Contos de futebol*, p. 13.

Anderson menciona que “os frutos culturais do nacionalismo – a poesia, a prosa, a música, as artes plásticas – mostram esse amor com muita clareza, e em milhares de formas e estilos diversos”.<sup>43</sup>

A camisa, sem dúvida, possui diferentes sentidos, e, recebe um valor de uso que lhe é atribuído dentro de um imaginário da cultura popular a respeito do futebol em nosso país e no mundo. Ao mesmo tempo, como artefato sociocultural, ela carrega significações históricas, culturais, políticas e sociais, desde a sua origem, trazendo discussões sobre nacionalidade, alteridade, usos e apropriações, portanto, uma questão cultural e política ligada a múltiplos espaços de poder.

Arjun Appadurai (2008) explica a importância de observarmos os percursos e trajetórias dos objetos. Em sua opinião, “A história social das coisas e suas biografias culturais não são assuntos de todos separados, pois é a história social das coisas, no decurso dos longos períodos de tempo e em níveis sociais extensos, que constrói coercitivamente a forma, os significados e a estrutura de trajetórias de curto prazo, mais específicas e particulares”.<sup>44</sup>

Nesse caminho, ao observarmos a camisa “canarinho”, nosso objeto de análise, pontuamos que hoje, a narrativa sobre ela é marcada por tensões políticas e ideológicas. Tensões cujas emoções podem, segundo Byng-Chul Han (2021), “desencadear uma trama”.<sup>45</sup> Uma trama que pode, a nosso entender, ser comparada ao trauma da perda do gol na Copa de 1950 e/ou à apropriação da camiseta pelos grupos de direita, na medida em que se trata de uma camisa que faz parte da história e da memória do futebol brasileiro, destaque no mundo pela criatividade e pelo talento de jogadores que a vestiram.

O futebol brasileiro é um patrimônio do Brasil, a camisa amarela é um patrimônio do povo brasileiro para além do futebol, sendo deveras importante diante de nossa posição, reaver esse símbolo, como aparece nas mais diferentes postagens que reivindicam o seu “resgate”, “libertação”. O patrimônio como reflexão do tempo presente e dos embates cotidianos que desafiam os caminhos em um mundo em transformação marcado por crises, como nos ensina Noam Chomsky (2020) quando destaca três ameaças à existência humana: “a ameaça da guerra nuclear, a ameaça do aquecimento global e a deterioração da democracia”.<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup> ANDERSON. *Comunidades imaginadas*, p. 200.

<sup>44</sup> APPADURAI. *A vida social das coisas*, p. 54.

<sup>45</sup> HAN. *Capitalismo e impulso de morte*, p. 172.

<sup>46</sup> CHOMSKY. *Internacionalismo ou extinção*, p. 10.

Sendo assim, outro trabalho que não pode deixar de ser citado refere-se a *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (2008), de José Miguel Wisnik, na medida em que o autor estuda o futebol brasileiro buscando pensar a nossa formação social e o nosso imaginário, através da ressignificação do esporte no país. Utilizando-nos de sua explicitação, trata-se do veneno, o remédio às qualidades reconhecidas justamente porque apagam os prejuízos das contradições e os paradoxos que o esporte abriga. Uma de suas proposições ressalta que o futebol é, para o bem ou para o mal, a “cara” do Brasil!

Como últimas palavras, esse símbolo nacional ora causa orgulho, ora constrangimento. Em função das últimas manifestações políticas, uma parte dos brasileiros parece ter criado certa repulsa à tradicional camisa “canarinho”, afinal, não se sabe se o sujeito está torcendo para a seleção brasileira ou pedindo intervenção militar. O fato é que precisamos lutar pelos símbolos nacionais que representam nossa identidade, como é o caso da camiseta verde-amarela criada por Schlee. É nossa responsabilidade atuar no processo de desassociação desse símbolo pátrio.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BELLOS, Alex. **Futebol**: o Brasil em campo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 22 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CHADE, Jamil. **Política, propina e futebol**: como o “Padrão Fifa” ameaça o esporte mais popular do planeta. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- CHOMSKY, Noam. **Internacionalismo ou extinção**. São Paulo: Planeta, 2020.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FILHO, Mário. Nota [...]. In: \_\_\_\_\_. **O negro no futebol brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p. 16-17.

GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira; SCHLEE, Aldyr; PIAZZI, Giulia. Conversa com Aldyr Schlee (parte II): a criação da camisa canarinho e seu recente uso político. Entrevista. **FuLiA/UFMG**. v. 3, n. 1, 2018. p. 139-153.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GUTERMAN, Marcos. **A camisa da seleção está manchada e representa o ‘partido’ de Bolsonaro**. Terra. Entrevista. 17. jun., 2021.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte**: ensaios e entrevistas. Petrópolis/RJ: Vozes, 2021.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

JORNAL CORREIO DA MANHÃ. Inexpressiva a atual camisa da CBD. 23 de ago., 1953. Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/437CG7N>. Acesso em: 03 jun. 2022.

JORNAL DO COMÉRCIO. Seleção brasileira homenageia Aldyr Schlee antes do jogo contra o Uruguai. 18 de nov., 2018. Disponível em: <https://bit.ly/43rTxlz>. Acesso em: 03 jun. 2022.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar brasileiro. S. Paulo: Contexto, 2016.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. 2005, p. 107-130.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **História das relações internacionais contemporâneas**. Brasília: Editora Saraiva, 2008.

SECCO, Lincoln. As jornadas de junho. In: MARICATO, Herminia et al. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013. p. 71-78.

SCHLEE, Aldyr. **Contos de futebol**. Porto Alegre: Ardotempo, 2011 [1997].

VAINER, Carlos. Quando a cidade vai às ruas. In: MARICATO, Herminia et al. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013. p. 35-40.

VIANA, Sílvia. Será que formulamos mal a pergunta. In: MARICATO, Herminia et al. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013, p. 53-58.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

**Fontes das figuras:**

Figura 1: [bit.ly/3MXclyb](https://bit.ly/3MXclyb).

Figura 2: [\\_bit.ly/43tSX6M](https://bit.ly/43tSX6M).

Figura 3: [bit.ly/43tSX6M](https://bit.ly/43tSX6M).

Figura 4: [\\_bit.ly/43tSX6M](https://bit.ly/43tSX6M).

Figura 5: [bit.ly/3qaricR](https://bit.ly/3qaricR).

Figura 6: [bit.ly/3Wy1flw](https://bit.ly/3Wy1flw).

Figura 7: <https://encurtador.com.br/afnEO>.

Figura 8: <https://encurtador.com.br/ktDKO>.

\* \* \*

**Recebido em:** 06 de dezembro de 2022.

**Aprovado em:** 25 de maio de 2023.